

BRASIL-PORTUGAL

Fundador — Augusto de Castilho.
Directores — Jayme Victor e Lorjô Tavares.
Proprietaria — A. empresa do Brasil-Portugal.
Editor — Manoel Pedro da Silva.
Administração — C. do Sacramento, 14.
Composição e impressão — Typ. do Anuario Commercial.

16 DE ABRIL DE 1912

N.º 318

Assumptos religiosos

Semana Santa



Christo conduzindo a cruz

Quadro de Paulo Veronese, existente no Museu de Dresde

NOTAS DA QUINZENA

Lisboa, 16 de abril de 1912

Castilho

ESTÃO ainda penetrados de saudade, povoados do seu nome e da sua memoria, o nosso espirito e o nosso coração.

Depois d'essa lenta agonia, que presenciamos n'uma commoção dolorosa e profunda, nem o tempo escasso nem a dor mal comprimida e de todo impotente para se traduzir em palavras que a exprimissem, nos permittiu dar no ultimo numero d'esta Revista, que tinha o seu nome, mais amplitude ao tragico acontecimento que vinha enlutar para sempre aquelles que foram no *Brasil-Portugal* os seus amigos leaes, os seus dedicados companheiros.

No artigo que então reproduzimos, escripto na hora grave em que Castilho fóra chamado aos conselhos da corôa, continha-se e resumia-se toda a nossa admiração pelas qualidades excepçionaes que caracterisavam esse portuguez de lei, desdobrava-se a larga folha de serviços com que elle, honrando o paiz, honrara o seu nome, que era o de uma familia illustre pelo nascimento, pelos talentos e pelas variadas manifestações de amor patrio, punha-se em relevo n'essas palavras a nobre figura do bravo e destemido heroe de Moçambique e do heroe humanitario do Brasil, e ao lado de tantos feitos que para sempre tornaram gloriosa e immaculada a farda de almirante, constellada de condecorações nobilitantes, d'aquellas com que o Portugal de



Augusto de Castilho quando era guarda-marinha

constituem um caracter, em toda a grandeza da acceção que esta simples palavra comporta, prestava-se culto ao homem de familia, exemplar entre os que mais o são, ao esposo dedicadissimo, ao irmão extremoso, ao pae desvelado, ao terno avô, ao mais leal dos amigos, aquelle que nunca se servia de um embuste para occultar uma verdade, que para se poupar a um esforço ou mesmo a um sacrificio nunca recorria a uma mentira, aquelle, que n'uma fórma por vezes rude, n'uma exteriorisação não raro brusca e arida, occultava um coração de sensitiva, uma alma gentilissima, que na vida intima se espalhava em affectos, em bondades, em delicadezas e abnegações, de que eram testemunhas mudas as paredes da casa de Sete Rios, e de que hoje em deante podem certificar-se os que não o conheceram bem, lendo n'estas paginas versos firmados com o seu nome.

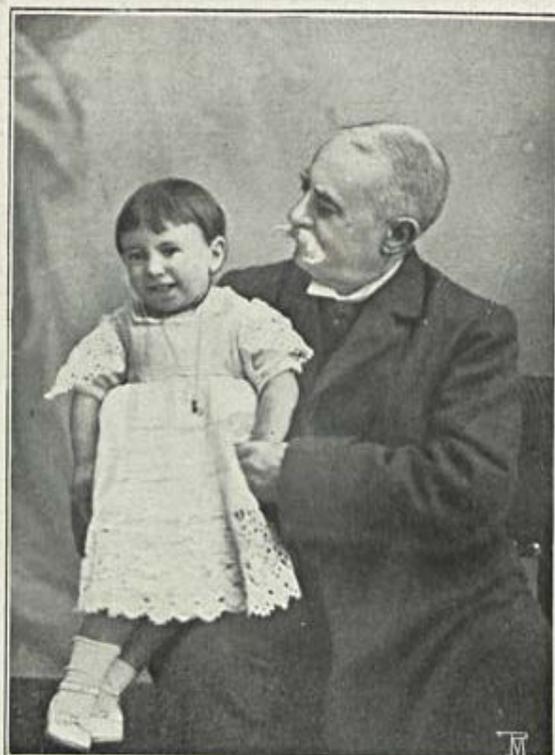
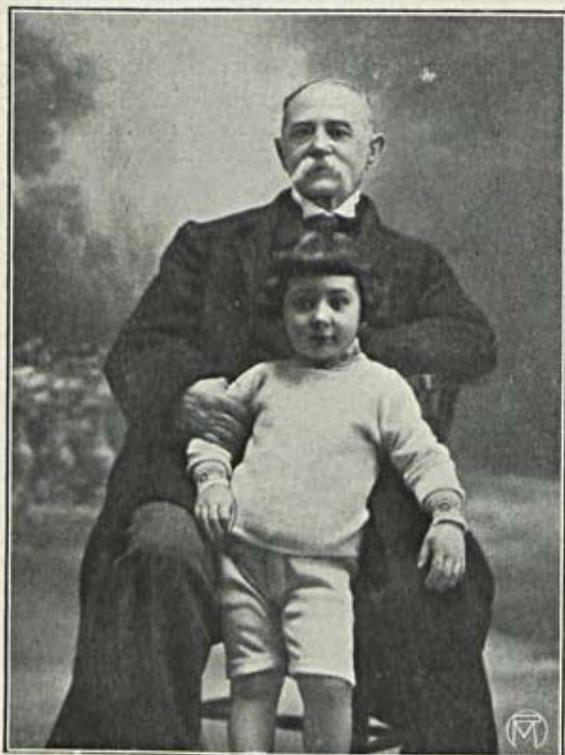
Foi preciso que a morte lhe cerrasse os olhos luminosos e lhe sustasse os éstos de coração, para que devessem ser divulgadas estas outras manifestações ainda desconhecidas da sua individualidade, que são, na fórma litteraria e poetica, demonstração irrecusavel de que não podiam ser mais dóces nem mais limpidos os raios d'esse olhar, de que não podiam ser mais extremadas a finura e a nobreza d'esse coração.

Por numerosas paginas d'esta Revista, de muitos jornaes e de outras publicações portuguezas, estão disseminados centenares de artigos seus, escriptos numa linguagem sã, nunca pretenciosa e sempre portugueza, mas na sua quasi totalidade versando problemas de navegação, de defesa do paiz, meditados e profundos pontos de vista sobre as nossas colonias, e aqui e além, evocações do passado de marinheiro, paginas soltas do grande romance das viagens atravez de todos os mares, scenas dramaticas ou pittorescas succedidas n'essas terras d'África, onde o governador de Portugal deixou indeleveis vestigios da sua intelligente e proficua administração.

Mas o que se não vê em parte alguma, podemos quasi affirmá-lo, são vestigios do poeta, manifestações escriptas do talento poetico.

E' quasi inconcebivel que a modestia, por mais requintada que seja, possa attingir as proporções inauditas, de, n'uma vida inteira, por completo esconder aos olhos alheios talentos proprios.

Graças á bizarra gentileza da desolada viuva, temos defronte de nós uma pasta — Castilho era o methodo em pessoa — conten-



O vice-almirante Augusto de Castilho com um dos seus netos

outro tempo galardoava serviços reaes e authenticos e de muitas outras com que nações estrangeiras validavam o merito e premiavam o valor, junto d'essas excepçionaes qualidades civicas, que

do, pela ordem de datas — um consideravel numero de versos em portuguez, em inglez, em francez e em italiano, lyricos, amorosos, satyricos, descriptivos, epigramaticos, madrigalescos, obedecendo

todos a um ritmo impecavel e a uma impecavel correcção metrica, e revelando, na maior parte, um artista de eleição, um poeta de sentimento, um escriptor de raça, com direito a occupar um posto litterario entre o cego illustre que tão grande nome e tanto lustre deu á litteratura portugueza, e o actual visconde de Castilho, aquelle que tendo sido o primogenito é hoje dos cinco filhos de Antonio Feliciano de Castilho, o unico sobrevivente, para gloria das letras portuguezas contemporaneas e satisfação de quantos lhe admiram os dotes de talento e os primores de caracter.

Por alguns d'esses versos, firmados com o nome do extincto almirante, escriptos a maior parte no mar, ou em terras d'Africa,

extraordinarias, aquellas que só aos grandes homens se tributam: uma em vida, outra na morte. Recebeu a primeira adentro da sala de um tribunal de guerra. No intervallo de alguns minutos, o réo accusado de um crime de alta traição, era, pelos proprios juizes, pelo seus velhos e novos companheiros da armada, por um publico inteiro, transformado em heroe. Envolveu-o de subito uma auréola de gloria, e n'um momento de lucida justiça proclamaram-no benemerito da humanidade os dois paizes que, separados pelo Atlantico, falam a mesma lingua.

A ultima consagração teve-a no cemiterio. Teve-a nas lagrimas que correram junto do seu cadaver. Teve-a com a presença



O vice-almirante Augusto de Castilho e sua familia

e que hoje n'estas paginas apparecem, apreciarão a justiça d'estas palavras os leitores do *Brasil-Portugal*.

Resta-nos fazer publico o nosso profundo agradecimento a todos que partilharam a nossa dôr, pela perda do amigo querido e do companheiro de quatorze annos. Cartas e telegrammas, de Lisboa e de muitos pontos do paiz, locaes e artigos publicados na imprensa, vieram dar-nos a prova consoladora de que estavam connosco quantos puderam medir a profundidade da nossa saudade. E a gratidão que n'estas palavras fica expressa reparte-se egualmente por portuguezes e brasileiros, que nos relevarão o destacarmos aqui o nome do illustre encarregado de negocios do Brasil em Lisboa, o sr. dr. Velloso Rebello, que, recordando n'uma carta sentida o serviço que Augusto de Castilho prestára ao Brasil num momento de estoica abnegação, veio associar-se ao nosso luto, por uma fórma penhorante.

Pode hoje afirmar-se que Castilho teve duas consagrações

de centenas de pessoas de toda a representação social que foram acompanha-lo até ao tumulo, para assim constatarem e enaltecerem a coherencia de uma vida, a obra de um portuguez, a formosura de uma alma e a integridade de um caracter.

JAYME VICTOR.

O Eclipse

Os sabios Corvo e Alexandre
Tiveram grande questão;
A não ser o ousado Chico,
Jogavam o cachação.

Diz que era o eclipse do sol
A causa da discussão.
Dando cada um do caso
Mui diversa explicação.

O FUNERAL DO VICE-ALMIRANTE AUGUSTO DE CASTILHO



O funeral proximo do cemiterio

Mestre Corvo e os seus bigodes
Tinham firme opinião
De ser motora a botânica
Da solar escuridão.

Porem dizia Alexandre
Que d'elle a causa seria
Ignota acção sulfurosa
Que sobre o sol reagia.

«Os sulfitos, os sulfatos,
«Os diversos sulfuretos,
«Os escuros saes do chumbo
«Reações de bromoretos.

«Fortes acções alcalinas
«Que o Sr. não sabe nem eu
«Affirmo deram origem
«Ao eclipse que se deu

«Não! não affirme collega
«Que é dar prova de demencia!
«Isto foi mas foi devido
«A' botânica sciencia.

«Pois não vê que tantas plantas
«A crescer por esse mundo
«Influem na luz já velha
«Do sol doirado e fecundo?



O funeral do vice-almirante Augusto de Castilho

A chegada ao cemiterio

(Phot. de ••••)

«Pois não vê? — N'isto o Alexandre
Esta feia questão corta
Ferindo a cabeça ao Corvo
Co'um matraz e uma retorta.

Corvo zurze-o co'os bigodes,
Mas o bom Chico entevem,
Sepára os sabios bulhentos
E lhes pergunta: «Os meninos»
Já viram fazer isso a alguém?

10 de Julho de 1858.

AUGUSTO DE CASTILHO.

Despedida

Se d'entre o ardor e a luz dos teus salões, um dia
Elevada tua alma em sonhos divagar
Recorda-te que ao longe em secreta harmonia
Accesa em gratidão outra alma hade acordar.

6-6-67.

A. DE C.



O funeral do vice-almirante Augusto de Castilho

O coche funerario chegando ao cemiterio

Désir

Oh! vers le soir, quand l'horison limpide
Aura caché mon navire à tes yeux,
Par ces rochers conduis tes pas timides
Et viens rêver à la lueur des cieux
Promène-toi le long de ces rivages;
Ouvre ton âme au beau déclin du jour,
Et l'océan dans ses concerts sauvages,
A' toi, tout bas, viendra parler d'amour.

La nuit sereine et la lune tranquille
Feronc éclore en toi des rêves d'or;
Et moi, bien loin, sur l'élément mobile
Songeant a toi je calmerai mon sort;
Pour adoucir mes souffrances amères
Pense à celui qui pense à toi toujours;
Et les soupirs de la brise légère,
A moi, tout bas, viendront parler d'amour.

Plus tard, peut-être, un grand soleil splendide
L'espoir perdu fera renaitre en toi;
Les pleurs fuiront de tes beaux yeux humides
Et l'avenir pour nous rayonnera.
Le coeur rempli d'extase poétique
Heureux, à toi j'irai à mon retour;
Et la nature en ses accords magiques
A' nous, tout bas, viendra parler d'amour.

Le 17 Abril 1868.

A. DE C.

Adeus

Partes, e eu fico seductora imagem,
branca miragem que em minha alma entrou;
partes, e eu fico sem achar conforto
num peito morto que por ti pulsou.

Por ti, meu estro resurgiu á vida
por ti, querida, se me entre'abre o ceo
por ti acordo a reviver com as flores,
por teus amores meu amor nasceu!

Quando de noite o teu olhar sentido,
o meu, perdido, na amplidão buscar,
ao longe escuta do tufão nas queixas,
tristes endeixas que heide a ti votar.

Fico sósinho neste mundo immenso;
em ti só penso a suspirar, amor;
volve-te a mim e de tu'alma pura
doce frescura envia á minha dor.

Partes, e eu fico seductora imagem;
e á branda aragem eu murmuro adeus,
partes, mas ficas-me a brilhar na mente
viva e presente luz dos sonhos meus.

Mahé, 10 de Julho de 1870.

A. DE C.

A ma très chère fille M. L.

26-4-92

La terre est loin, la mer, bleue et profonde
Nous berce à tous d'un murmure amoureux,
L'azur des cieux s'étoile sur le monde
La croix du sud montre un regard de Dieu.
Mon beau vaisseau sous sa voilure grise
Poursuit sa route en vainqueur triomphant,
Et toi rêveuse, interrogeant la brise,
Enfant chérie, songe au père absent.

Demain, hélas! un horizon livide
Fera surgir la tempête en courroux;
Les flots puissants dans leur éclat perfide
Nous creuseront la tombe tout-à-coup.
Ma pauvre barque ainsi désamparée
Court à sa perte en ses ébats violents,
Et toi tremblante, inquiète, éplorée,
Prie le ciel pour ton vieux père absent.



O funeral do vice-almirante Augusto de Castilho

Un jour viendra, un beau jour, je l'espère
Ou Dieu mettra un terme à nos regrets.
En exauçant l'écho de ta prière,
Il me rendra à tes tendres baisers.
Ainsi, à bout d'une longue campagne
Je reviendrai dans nos pays charmants;
Et toi heureuse, en mes bras, ma compagne,
Deviens l'orgueil de tes très chers parents.

A. DE C.



O funeral do vice-almirante Augusto de Castilho

To Maria Luiza

my only beloved daughter

My noble ship, my louchly home
 With her white well trimid sails,
 Is going accross the restless foam
 Icaring no Ocean gales.
 The southern Cross is shining bright
 On the dups heavens above.
 The moon's widespread romantic light
 Wakes one to dreams of love.
 Regretful thoughts though, to my mind
 Are often coming near:
 Our native land, friends left behind,
 Make me grow sad and drear!
 Amongst the waves, amongst the squalls,
 No matter how they blow
 Thy smiling face my mind recalls
 Id whispers gentle and low.
 My dearest lone, my darling child,
 Just hear this prayer from me:
 Make thou my life as calm and mild
 As y wish thine to be.
 And-when my life's most careworn book
 Is drawing to its end,
 God grant that my last dying look
 Be softened with thy hand.

H. M. I. M. S. «MINDELLO»
 at sea July 6-1892

A. DE C.

Depois do funeral

A desolada viuva sr.^a D. Maria da Conceição Castilho, e o sr. visconde de Castilho, illustre irmão do extinto, teem recebido condolencias, telegrammas, cartas, todas as expressões sentidas de pezar, de todos os pontos de Portugal e do Brasil.

Da armada brasileira, veio um commovido telegramma, firmado pelo commandante Fontoura, lembrando o serviço prestado por Castilho ao Brasil e communicando que estavam sendo rezadas missas em suffragio da alma do extinto almirante.

Nem uma palavra!...

Fazemos nossas as justas e oportunas considerações com que um jornalista de Lisboa lamenta que nem por parte da armada nem do governo de que Castilho fez parte se proferisse, junto do seu caixão, uma palavra que recordasse os seus grandes serviços.



O funeral do vice-almirante Augusto de Castilho

A espada e o chapéu armado

«Não é um acto banal, escreve o jornalista a que alludimos, quando o inspiram a sinceridade e o reconhecimento, o dizerem-se duas palavras junto da sepultura d'Alguem. A tradição creou de seculos esta piedosa homenagem, que melhor quadra aos que luctaram pela sua Patria!

«O vice-almirante Castilho desceu hontem á sua ultima morada, e n'este paiz de palra, onde cada Zé ninguem tem pelo menos meia duzia de discursos a arrimal-o para a posteridade, o



O funeral do vice-almirante Augusto de Castilho

A rainha D. Amelia escreveu á viuva uma sentida e extensa carta, lembrando os muitos serviços de Castilho á patria portugueza.

O sr. patriarcha de Lisboa tambem n'uma carta eloquente se associou ao luto da familia, e muitas outras personalidades illustres dos dois paizes enviaram as suas condolencias.

grande e valente militar não teve quem lhe dissesse que a Patria lhe estava reconhecida pelo que lhe sacrificou da sua existencia.

«Dir-se-ha que o homem que ia a enterrar fóra um simples heroe de pacotilha, feito por simples influencia do acaso, e se não arriscára em Africa corajosamente tantas vezes. Dir-se-hia que não fóra elle o auctor d'esse gesto soberbo, que vale uma vida, dos

revoltados do Rio de Janeiro, acto d'uma serenidade e coragem taes que só por si valeria uma consagração.

«Mas... até talvez assim fosse melhor. Castilho terá quem fale d'elle com mais eloquencia do que qualquer orador officioso: será a Historia. Essa não perdôa os crimes, mas tambem não esquece as virtudes...»

As ultimas disposições de Augusto Castilho

Cinco dias antes de morrer, o vice-almirante chamou a extremosa esposa e disse-lhe: «Estou a acabar; isto dura pouco. Repara bem na recommendação que te faço: olha que não quero ir para a cova com a farda, ou com qualquer insignia da marinha. Tambem não quero nenhuma honras militares.»

Foram cumpridas á risca as suas ultimas determinações. E o velho almirante, que fôra em todos os tempos o ornamento da sua classe, que tão alto dignificára a marinha nacional, repousa ao lado de seu irmão Eugenio, no modesto jazigo do Alto de S. João, apenas vestido com a sua sobrecasaca, segurando nas mãos a imagem de Christo, e tendo perto do coração, envoltos em goivos e glycinias, n'um grupo photographico, os retratos da es-



O funeral do vice-almirante Augusto de Castilho

posa, dos filhos e dos netos, que o rodeiam e lhe sorriem, como que a confortal-o das torturas moraes e patrioticas soffridas no declinar da vida, a attenuar-lhe, com a sua presença, as amarguras do espirito, que, quasi moribundo o levaram a declarar que não queria ir para o tumulo envolto n'aquella farda de marinheiro, que fôra o galardão da sua vida e a honra da sua patria.

Barcos submarinos

MUITA gente haverá que imagina que o problema da navegação submarina só modernamente começou a occupar a attenção dos homens. E' um engano.

Os projectos de navios submarinos, apresentados desde os principios do seculo XVII até hoje, contam-se ás centenas, e o mais curioso é que na longa lista dos inventores entram individuos de variadissimas profissões, incluindo até alguns de misteres muito humildes, cujos



O funeral do vice-almirante Augusto de Castilho

inventos figuram honrosamente na historia da navegação submarina. Muitos d'esses barcos, muitissimos mesmo, foram construidos e effectuaram as suas experiencias com melhor ou peor resultado.

Assim, já em 1624, um rei de Inglaterra navegou sobre as aguas do Tamisa no submarino inventado pelo hollandez Van Drebbel, barco de madeira que podia mergulhar até 5 metros e era movido a remos que penetravam no navio atravez de mangas de coiro impermeavel. E em 1776 o sargento Lee, do exercito americano, tentou, no submarino de Bushnell, destruir, no porto de New-York, o navio de guerra inglez *Eagle*, aparafusando-lhe no fundo uma caixa cheia de polvora, tento estado essa tentativa a ponto de ser coroada de exito, assim como outras duas a que aquelle bravo sargento se aventurou.

Bushnell era medico; dotado d'um extraordinario espirito inventivo, o seu submarino era, para o tempo, uma maravilha. Construido de madeira, apertado por cintas de ferro, tinha dois helices, *remos em fôrma de parafuso* como lhe chamam as chronicas da epocha; um, horisontal, collocado na dianteira do barco, fazia-o avançar ou recuar, outro, vertical, movia o navio n'este sentido. O primeiro era manobrado á mão ou com o pé, o segundo á mão, assim como o leme. Um só homem constituia a tripulação do submarino.

Uma valvula, abrindo de dentro para fóra, dava entrada á agua necessaria para a immersão e duas bombas prementes expulsavam essa agua para fazer emergir o barco.

Bushnell que, com justo titulo, deve ser considerado o primeiro inventor da applicação do helice á navegação, dotou o seu submarino com um péso de segurança alojado na parte interior do fundo, mas que podia ser manobrado da parte interna e que, em caso de avaria séria, devia ser largo para o fundo, a fim de permitir que o barco voltasse rapidamente á superficie.

Depois de Bushnell, até aos nossos dias, muitos outros projectos de submarinos foram apresentados, como acima di-

zemos, mas n'uma secção de tão limitado espaço, como esta, impossivel se nos torna referirmo-nos a todos, ainda que ligeiramente, e por isso mencionaremos apenas aquelles que por qualquer circumstancia mereçam referencia especial. N'esse caso está



O funeral do vice-almirante Augusto de Castilho

NA ESCOLA NAVAL

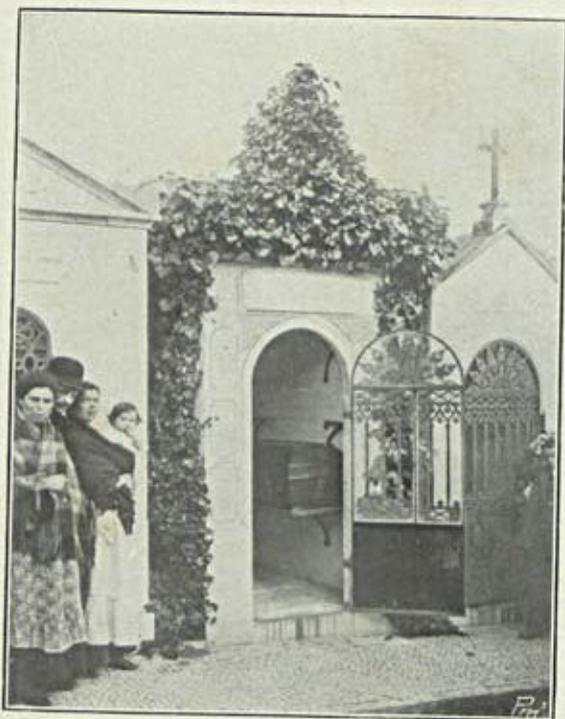


O ministro da marinha, Augusto de Castilho, acompanhando el-rei D. Manuel na sua visita á Escola Naval

Esta visita foi a primeira que o monarcha fez oficialmente

o submarino *Nautilus*, construído em 1797, inventado pelo extraordinário espirito de Fulton.

Era um pequeno barco de ferro, forrado de madeira, de forma elipsoidal, que á superfície navegava á véla, e debaixo de agua



O funeral do vice-almirante Augusto de Castilho
Jaçigo de Eugenio de Castilho onde ficou depositado o feretro

era movido por um helice que se manobrava á mão por meio de um volante. Dois lemes horizontaes faziam mergulhar o navio em marcha e mantinham-no n'uma determinada profundidade.

A habitabilidade era assegurada durante tres horas á tripulação que se compunha de tres homens.

Como as experiencias a que o inventor procedeu tivessem dado resultados satisfactorios, este procurou atacar alguns navios inglezes que, prevenidos a tempo, conseguiram evital-o. Fulton pediu então ao governo francez que lhe desse um navio velho para mostrar os effeitos do seu torpedo, mas foi-lhe isso recusado com pretextos pueris, e o inventor, descoroçoado, abandonou a França.

Depois de Fulton, os inventos de submarinos succederam-se, durante todo o seculo XIX, com extraordinaria frequencia. Alguns d'elles foram fataes aos inventores e a lista, felizmente pouco longa, das victimas da navegação submarina foi augmentada com os nomes do hespanhol Cervo em 1831 e do dr. Petit, medico de Amiens, em 1834.

Em 1851, dois inventores de profissão modestissima, um na Europa e o outro na America, construíram dois submarinos muito notaveis.

Bauer era sargento do exercito allemão e, antes d'isso, operario torneiro. O seu submarino era muito bem concebido, de harmonia com todos os principios scientificos da época e apresentava a originalidade de tentar assegurar a estabilidade da immersão em marcha pelo deslocamento de um peso, posto em movimento por parafuso que era manobrado á mão por meio de uma pequena roda. A primeira experiencia ia-lhe custando a vida.

Depois de navegar algum tempo debaixo de agua, as chapas da pópa cederam um pouco, o navio começou a mergulhar com rapidez, e apezar dos esforços empregados para contrariar a descida, cahiu no fundo, n'uma profundidade de 18 metros de agua. A pressão exercida sobre o casco era enorme e as chapas começaram a amolgar-se. A situação tornou-se desesperada.

Bauer não perdeu porém o sangue frio, e, fazendo encher de agua novamente todos os reservatorios, conseguiu comprimir o ar até contrabalançar a pressão exterior, e, abrindo a escotilha, subiu á superfície, elle e os seus companheiros, com uma rapidez extraordinaria.

Foi, todavia, isto, um mau prenuncio para a sua vida de inven-

tor, que na realidade foi uma série de desgostos e de contrariedades, a que só resistiria uma tenacidade como a d'elle.

O outro submarino a que acima nos referimos, era invento d'um sapateiro americano, de nome Philipps. Admiravelmente imaginado e executado, apresentava este barco duas originalidades: uma junta espherica que permittia manejar quaesquer instrumentos de dentro do barco e um pendulo que, fechando automaticamente os tubos que ligavam entre si os reservatorios de agua, procurava assegurar a estabilidade longitudinal do navio em immersão. Philipps fez diversas experiencias e era tal a confiança que depositava no seu invento, que chegou a passar 10 horas debaixo de agua com a mulher e os filhos.

Uma vez, porém, mergulhou no lago Erié e nunca mais appareceu.

Os americanos não perderam na navegação submarina a sua linha tradicional de aventura e ousadia. Em 1863, durante a guerra da successão, Aunley inventou um pequeno submarino para destruir os navios dos Estados do Norte, a que foi dado o nome de *David* e que só nas experiencias matou 33 homens. Uma vez foi a ondulação de um vapor que passava que o metteu no fundo. Posto a nado, virou-se no decurso d'uma experiencia e, finalmente n'uma outra experiencia, mergulhou a grande profundidade, e não se sabe porquê, não voltou á superfície. Posto novamente a nado e reparado, o *David* atacou com o seu torpedo, em 16 de fevereiro de 1864, a corveta federada *Hausatonic* e metteu-a no fundo, mas pereceu com ella.

No mesmo anno de 1863 um submarino denominado *Le Plongeur* era lançado ao mar em França, entre grandes esperanças de uma resolução definitiva da questão devido á reputação scientifica e competencia technica dos seus inventores o capitão de mar e guerra Burgois e o engenheiro naval Brun. Era a primeira vez que appareciam como inventores de submarinos individuos de profissão maritima. Era este barco dividido em tres compartimentos, um para a machina de ar comprimido, outro para os tubos reservatorios do ar comprimido a 12 atmosferas e, entre estes, o do centro reservado á tripulação de 12 homens. O barco mergulhava pela substituição do ar de alguns reservatorios por agua e emergia pela expulsão d'essa mesma agua por meio de communicação do respectivo reservatorio com os do ar comprimido.

As experiencias demonstraram porém que os seus inventores não conseguiram dar sufficiente estabilidade a essa massa de 400 toneladas e o barco foi desarmado.

Em 1866 o americano Raeber construiu um submarino com a particularidade do helice ser movel e servir ao mesmo tempo como



O funeral do vice-almirante Augusto de Castilho

A primeira corôa, á esquerda, tem esta dedicatória em uma das fitas: *A Augusto de Castilho, companheiro inolvidavel* e na outra: *Os directores do Brasil-Portugal*.

propulsor e leme. A idéa já tinha sido emittida muitos annos antes por Shorter, Millington, etc., mas foi a primeira vez que teve realisação pratica. Em 1875 um outro americano, Holland, construiu um submarino ao qual nos referimos aqui, simplesmente porque

este inventor, modificando successivamente o seu primeiro invento, levou-o ao maximo grau de aperfeçoamento actual. Em 1877 um russo, Drzewiecki, construiu tambem um navio d'este genero que, aperfeçoado em 1879, fez experiencias com tão feliz resultado que o governo russo encommendou-lhe em 1881 cincoenta e dois d'estes barcos os quaes eram tão pequenos que podiam ser içados nos turcos dos grandes navios e assim transportados ao local de combate.

Entretanto os progressos realizados na electricidade e as tentativas da applicação pratica dos motores de gaz auctorisavam a supposição de que a navegação submarina ia entrar n'uma phase nova, na phase actual.

Em 1884, Drzewiecki substituiu no seu submarino de 1879 a manobra, a braço, do helice e das bombas, por um motor electrico accionado por uma corrente d'uma bateria de accumuladores.

Em 1885 appareceu o submarino de Nordenfeldt, o primeiro que, respondendo d'uma maneira quasi satisfatoria a varios pontos do problema, deixou antever a possibilidade da utilização, como arma de guerra, do barco submarino. Nordenfeldt deu aos reservatorios de agua do seu navio uma capacidade insufficiente para o fazer mergulhar inteiramente. A immersão completa era então obtida mechanicamente por dois helices verticaes. Avante havia dois helices horizontaes destinados a dar ao barco a estabilidade da immersão em marcha. Era movido na navegação á superficie por uma machina de vapor, e, quando mergulhado, servia-se do vapor que existia na caldeira no momento de immergir e de dois reservatorios especialmente a isso destinados e em que o vapor era sobreaquecido por um systema particular.

O movimento automatico de um embolo fechava a valvula de introdução do vapor, quando a immersão excedia o nivel desejado e o barco voltava rapidamente a esse nivel. Nordenfeldt construiu em 1887 um novo barco maior que este e com alguns aperfeçoamentos.

Em França accentuava-se por essa epocha um grande movimento em favor dos submarinos. Um exagero de apreciação suggestionado pelo patriotismo fazia-lhe vêr nos barcos d'esse genero a arma invencivel, ha tanto tempo procurada, contra o colosso maritimo britannico. Em Toulon e Cherburgo procederam dois illustres engenheiros, Gustavo Zédé e Goubet a experiencias com submarinos movidos por um helice accionado por uma corrente electrica de accumuladores. Datam d'estas experiencias, respectivamente realizadas em 1889 e 1891, os primeiros resultados realmente praticos da navegação submarina.

Ao mesmo tempo surgiam em varios paizes os inventores. Em 1889 experimentava Peral na Hespanha um barco d'este genero no meio de um extraordinario entusiasmo, para depois ser votado ao

esquecimento. Em 1890 procedia-se em Portugal ás experiencias, com animadores resultados, do submarino *Fonks*, para tambem nunca mais se falar n'elle, e em 1895 faziam-se experiencias em Italia com o *Delfino* do engenheiro Pullino, cujo resultado foi conservado secreto, tendo podido apenas saber-se que tinha sido muito satisfatorio.

D'ahi por deante entra a navegação submarina francamente na phase actual dos submarinos chamados autonomos. Na America, Holland, depois de ter construido successivamente 6 typos de submarinos, parava no 7.º, adoptado pelos governos americano e inglez, mas mesmo este typo tem soffrido modificações feitas pela casa constructora e outras effectuadas em Inglaterra. E', d'um modo geral, um barco movido á superficie do mar por um motor de gazolina, e debaixo de agua por um motor electrico accionado por uma corrente de uma forte bateria de accumuladores. Tem dois lemes horizontaes para assegurar a estabilidade de immersão em marcha e é armado com tubos para lançar torpedos. A immersão obtém-se introduzindo agua nos reservatorios, o que faz mergulhar o barco até um certo ponto, fazendo-se depois a immersão completa mechanicamente.

Ainda ha pouco tempo, o nosso governo decretou a aquisição de dois d'estes submarinos para a nossa marinha de guerra.

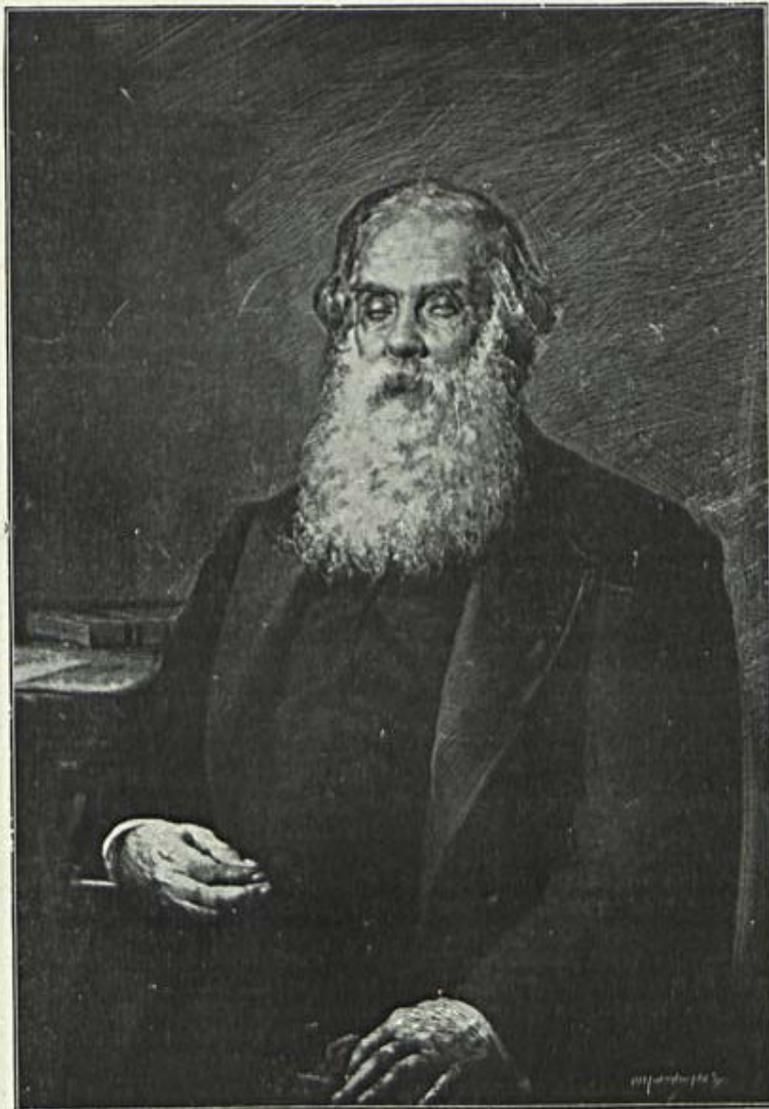
Os francezes entraram pouco tempo depois no mesmo caminho. O primeiro submarino autonomo que construíram, o *Narval*, era movido á superficie por uma machina de vapor, mas esse systema foi logo abandonado, substituindo-se a machina de vapor pelos motores de petroleo e de gazolina, como se fazia na America.

Os barcos submarinos estão, porém, muito longe de attingir o grau de aperfeçoamento exigido por uma utilização pratica e eficaz. Teem ainda muitos defeitos que algumas vezes originam catastrophes como aquellas que ha tempo enlutaram a França. O *Farfadet* e o *Lutin*, submarinos de bateria de accumuladores, afunda-

ram-se, perecendo quasi toda a tripulação.

E' porém de crer que na defeza das costas prestem desde já importantes serviços.

O maior obstaculo ao progresso rapido dos submarinos é, sem duvida a indispensabilidade da bateria de accumuladores para a marcha debaixo de agua, por não se ter encontrado, até hoje, meio de apropriar a essa navegação o motor de gazolina.

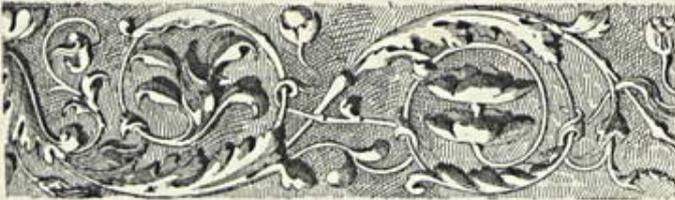


O visconde Antonio Feliciano de Castilho, pae do vice-almirante Augusto de Castilho

(Quadro a oleo de Miguel Angelo Lupi)

Onde metteu você a coragem? perguntaram a um sujeito que fugia de um barulho em que roncava o cacete.

— Nas pernas, respondeu elle.



POR UM OCULO...

(Críticas, Blegues & Phantasias)

O SR. BERNARDINO

Conta que brevemente o sr. Bernardino Machado, irá assumir o seu lugar de ministro de Portugal no Brasil.

(Dos jornaes.)

No gabinete de trabalho na legação portugueza do Rio de Janeiro, o sr. Bernardino Machado ia abrindo lentamente a correspondencia chegada n'essa manhã e recordando os amigos e correligionarios, que na occidental patria adoptiva, tinha deixado, cheios de saudades, pela sua ausencia.

— Esta é da Liga das Madamas — murmurou alegremente o grande diplomata, mirando entre as mãos um subscripto verde, escripto a tinta encarnada, tendo a um canto o timbre da Liga. — Bóas cidadás...! Excellentes cidadás, estas meninas! Coitadas, nunca me esquecem!

E o ministro dos estrangeiros do governo provisório, muito comovido, cumprimentou o sobrescripto, rasgando-o com a maior precaução.

Os seus olhos brilhavam, seguindo as linhas da missiva — d'essa missiva onde cada palavra era uma affirmacão liberal e um testemunho de saudosa estima: «Em nosso seio hoje existe e vacuo, — lia-se n'um dos paragraphos — provocado pela abstenção dos vossos sorrisos, com que alimentavas as reivindicações impregnadas de justiça dos nossos direitos, que visam a masculinação do sexo vilmente escravizado pelos perconceitos reacionarios! Sentimos a vossa falta, illustre cidadão consocio, tanto mais quanto recordamos o appoio que nos prestaste sempre, na construcção do edificio monumental das nossas aspirações máchas. Vós fostes aquelle que mais obraste por nós, e por isso, impossivel nos é esquecer a vossa sympathica e cordeal figura.»

O sr. Bernardino Machado, ia lendo e acenando com a cabeça com ar satisfeito.

— Muito obrigado... muito obrigado. Eu realmente obrei muito por ellas, isso é verdade, e se mais não fiz, foi porque mais não pude. Não as esquecerei, bóas cidadás, descancem — e dobrou a carta, guardando-a cuidadosamente n'uma gaveta da secretaria.

Por uma janella do gabinete, o sol entrava escaldando. Era um domingo abafadissimo, de luz forte e atmospheria pesada.

O sr. Bernardino Machado levantou-se, espreitou pela vidraça e murmurou:

— Rico dia!

Pela mente do intrepido diplomata portuguez, ia passando um turbilhão de coisas idas, de recordações carinhosas, do seu tempo de propaganda em Portugal. Os discursos dominicaes, nos Centros e nas Ligas; as recepções festivas que lhe preparavam; as homenagens com que o recebiam; as creancinhas a quem elle distribuia premios e beijinhos; os cavalheiros que o cumprimentavam; o rapazio que lhe dava vivas; as madamas que lhe batiam palmas; as meninas que lhe deitavam flôres; os photographos que o seguiam nas suas digressões; as arvores que elle ajudou a plantar; os hymnos que inspirava — emfim, todo esse conjuncto harmonioso e solemne, festivo e carinhoso que o rodeava na sua vida politica, em terras luzitanas. E ali, sósinho, n'aquellê gabinete escuro, com a face encostada á vidraça, todas essas coisas lhe pareciam ainda mais bellas e mais distantes.

Um suspiro fundo sahiu-lhe do peito e murmurou com tristeza:

— Rico dia!

A porta entreabriu-se e o creado perguntou:

— V. Ex.^a quer a carruagem?

O sr. Bernardino, como quem acorda d'um sonho para a realidade da vida, respondeu abstracto:

— A carruagem! Qual carruagem?

— Se V. Ex.^a quer a carruagem para sahir — tornou o creado, respeitoso.

— Ah! Sim! Não, hoje não quero a carruagem. Saio a pé. E a proposito, meu excellente amigo, não está por ahí ninguem que me queira cumprimentar?

— Não, senhor.

— E' bóa! Se fosse lá... com um lindo dia, como este...! Emfim, paciencia.

O creado ia já a retirar-se, mas o delegado da diplomacia portugueza, deteve-o.

— Olhe, diga-me, meu excellente amigo. E meninos... E meninos... Também não vieram?

— Meninos?! Que meninos, sr. dr.?

— Meninos para darem vivinhas e beijinhos. Então o meu excellente amigo não sabe? Lá em Lisboa, todos os dias tinha ranchadas de meninos a fazerem-me manifestações. Chamavam-me até o pae das creancinhas. Ah! mas isto aqui, estou vendo que é diferente. E d'ahi talvez seja por não me conhecerem ainda.

— Meninos, também não vieram. V. Ex.^a manda mais alguma cousa? — perguntou de novo o creado, tentando retirar-se.

— Mandar!?! Oh! Eu nunca empregarei essa palavra dura. Isso é bom para os despotas da monarchia, meu excellente amigo. Quando quizer, pôde retirar-se... Isto é... olhe... mais uma informaçõesinha. E madamas... também não vieram, madamas das Ligas?

— Não veiu ninguem, até agora.

— E' bóa...! Pois olhe, se fosse lá, com um rico diasinho como este, não tinha mãos a medir.

— Não é preciso mais nada?

— Não, meu excellente amigo, por agora mais nada.

O sr. Bernardino Machado, mergulhado novamente nas suas recordações, começou passeando lentamente. O sol mais vivo e mais quente, vinha bater até meio do gabinete, manchando a carpete felpuda que se estendia sob a secretaria.

— Nada, isto aqui faz-me mal. Vou dar uma voltinha. E' mesmo necessario que me conheçam. Eu era tão menino quando d'aqui parti! Hão-de achar-me differença, principalmente para mais altiinho...

Dirigiu-se ao cabide da entrada, pegou no chapéu alto e sahiu.

O calor suffocava. Pelas ruas a multidão agitava-se lentamente com os rostos afogueados.

O ministro de Portugal no Brasil, assim que transpoz a porta do palacete, parou, e tirando o chapéu n'um gesto largo de captivante amabilidade, saudou os que passavam.

— Cavalheiros...! Cidadás...! Um creado de V.^{as} Ex.^{as}.

— Que diz você, seu moço? — perguntou uma senhora corpulenta, a quem o cumprimento rasgado do grande diplomata havia ido bolir com o chapéu.

— Moço, não, excellentissima cidadá... Ministro, ministro é que eu sou... O Bernardino... Por certo ha-de ter ouvido falar...

— Qué Bernardino?

— Ora essa! Então... nem ao menos de nome?! Ora veja se se lembra... O Bernardino portuguez... isto é, o Bernardino brasileiro do provisorio portuguez.

— Não comprehendo nada, seu moço! — e a bóa senhora sorria cada vez mais intrigada.

— Moço, não... Já disse á illustre cidadá... ministro... Ou querendo V. Ex.^a o moço, terá então que dizer: grande moço da diplomacia... Não é por mim que faço estes reparos, creia a illustre cidadá, mas... comprehende, é pela posição, pelo que represento no concerto mundial...

Um pouco receosa e cada vez comprehendendo menos, a dama brasileira tinha-se afastado pouco a pouco, e, quando o sr. Bernardino Machado acabou a sua explicação já ella ia longe, olhando de vez em quando para traz, desconfiada e murmurando pesarosa:

— Coitado! Tão bem párecido, mas a bólinha não rigula...

O ministro dos estrangeiros do governo provisório, começou vagarosamente a caminhar. Cumprimentando para a direita e para a esquerda, cumprimentando os *bondes*, cumprimentando as montanhas, cumprimentando as portas, cumprimentando as arvores, seguia imperturbavel, cheio de magestade, sorrindo cordealmente para tudo que o rodeava.

— E' preciso que me conheçam... para que não se perca outro domingo como este, sem ter uma manifestaçõesinha de sympathia. — E, olhando um par que passava, cumprimentou logo, muito corinhoso:

— Cavalheiro... gentil cidadá...

— Quê tem você que si méttet com quem vae? Você nos conhece? Conhece por ventura esta sinhora? — e o marido avançou furibundo com ares pouco tranquilisadores.

— Perdão... perdão... Eu me explico, illustre cidadão... Gentilissima cidadã, eu me explico...

— Qual gentilissima, qual demo, que o racho...

— Perdão... ha equivoco... Eu sou o Bernardino portuguez... isto é, o Bernardino brasileiro do provisorio portuguez... Devem ter ouvido fallar, por certo... Membro das Ligas das Cidadãs Luzitanas... Então, vejam se se recordam, illustre cavalheiro... gentilissima cida...

— Não diga mais nada qué melhor... seu pelintreca pegajoso...

Ha verdades importantes mas intempestivas, que compromettem os que as formulam: e isto sem proveito publico e com perigo particular.

MARQUEZ DE MARICÁ.

A palavra é uma centelha, é preciso que tenha uma tripode.

COELHO NETTO.

Obedecer com vagar, não é obedecer.

CORNEILLE.

CASAMENTOS ELEGANTES



Manuel Barbosa Gomes Netto



D. Maria Adelaide Rocha

Na igreja de S. Martinho, em Cintra, realisou-se no dia 30 do mez findo, o casamento da sr.^a D. Maria Adelaide Rocha, filha do considerado negociante d'aquella localidade sr. Antonio Pedro Rocha, com o sr. Manuel Barbosa Gomes Netto, filho do muito considerado negociante da praça de Lisboa, sr. Antonio Gomes Netto Junior, e neto do abastado banqueiro do mesmo nome que é um dos actuaes directores do Banco de Portugal. Ao acto assistiram muitos parentes e pessoas das mais intimas relações dos noivos. Depois da cerimonia foi offerecido pelos paes do noivo, na sua magnifica residencia o Casal de Santo Antonio, em Ranholas, antiga quinta da Senhora Infanta D. Izel Maria, um magnifico «lunch» fornecido pelo «Laurence's Hotel».

— Pelintreca!... Pelintreca pegajoso!... Ah! Patria ingrata, que assim trataes teus filhos!

E o sr. Bernardino Machado, muito vermelho, a suar muito, voltou desalentado para casa.

Passada meia hora, ainda o imortal diplomata, estendido n'um fauteuil do seu escriptorio recordava baixinho com voz maguada;

— Pelintreca!... Pelintreca pegajoso!... Ah! Como são diferentes os domingos no Brasil...

CRISPIM.

PENSAMENTOS

Alterae primeiro a opinião, e depois podereis alterar a lei.

BUCKLE.

Se a vaidade não destroe as virtudes fal-as vacilar.

ROCHEFOUCAULD.

THEATROS

Nacional — *O Sol da Meia Noite*, peça em 3 actos, traducção do allemão, por Freitas Branco. — **Republica** — *O Apostolo*, peça em 3 actos de P. Jscinthe Loyson, traducção de Mayer Garção. — **Trindade** — *O Principe Pilsen*, operetta americana em 3 actos de Cottens, versão de Accacio Antunes. — **Apollo** — *O Fado*, operetta em 1 acto de João Bastos e Bento Faria, musica de Philippe Duarte. — **Colyseu dos Recreios** — Companhia de Opera Italiana.

— Depois do extraordinario successo dos *Vinte mil dollars*, que conseguiram encher a epoca no **Nacional**, deu-nos a sociedade artistica d'aquelle teatro, uma graciosa adaptacão allemã, intitulada *Sol da meia noite*, do fallecido escriptor theatral Freitas Branco. Constituida apenas, toda ella, por episodios, limita-se a apresentar diversos typos, quasi todos caricatos e ridiculos, n'uma viagem a bordo de um vapor de recreio; alguns d'entre elles são ricos de observacão, como por exemplo o *Dr. Strauss*, com a mania de travar relações com todo o mundo, e, por signal, magistralmente desempenhado por Ignacio. De resto, são situacões mais ou menos felizes, e, vá com verdade, algumas um pouco conhecidas, acabando tudo por um casamento e pela reconciliação de um casal, prestes a divorciar-se. A peça está posta em scena com propriedade e é de toda a justiça mencionar a excellente marcação de Antonio Pinheiro.

No desempenho destacaremos Augusto Cordeiro, Maria Pia, Pal-

THEATROS

THEATRO NACIONAL — O theatro grego, latino e indiano revelado pelos alumnos da Escola de Arte de Representar



Theatro grego — *A disputa celebre das nuvens de Aristophanes, por Othelo de Carvalho, Luiz Ripado e uma alumna do 1.º anno*

myra Torres, Lucinda do Carmo, Antonio Pinheiro, Luiz Pinto, Augusto de Mello e Carlos Santos, contribuindo os restantes para a boa harmonia do conjunto.

— *O Apostolo* que, bem traduzido por Mayer Garção, se exhibe ao presente no **Republica**, é uma peça de acção viva, que tem por figura principal um velho republicano, caracter impolluto,



THEATRO NACIONAL — Theatro latino — *Os Amphitriões, por Othelo de Carvalho e Maria*

(Phot. de A. C. Lima)

de uma honestidade inquebrantável, a quem todo Paris conhece pelo *Tio Consciência*, e que é um defensor fervoroso do ensino laico. Não tendo nunca aceitado qualquer cargo oficial, embora varias vezes ins-

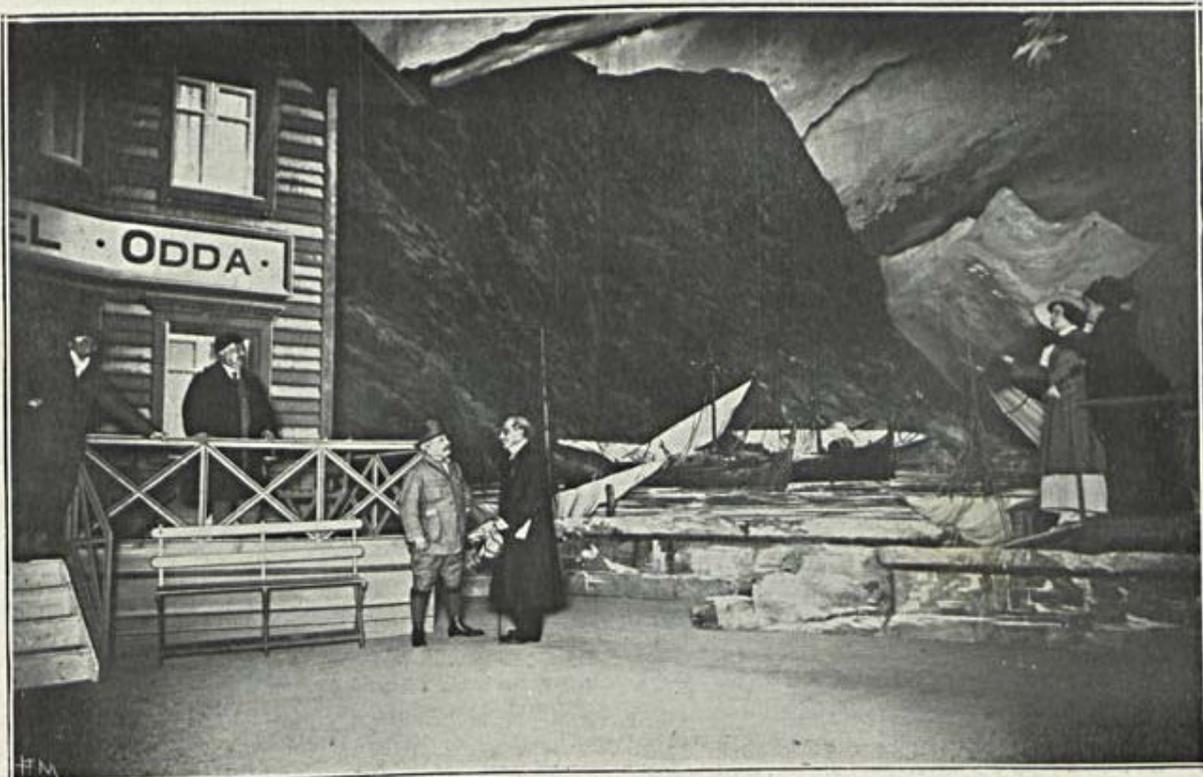
trução, ao que elle por fim cede, mas com a condição formal de se fazer um rigoroso inquerito, até se apurarem os nomes dos traidores, para terem o merecido castigo. Aqui começa o drama com lances



THEATRO NACIONAL — A Sancontalá, maravilha do theatro indiano do seculo v
(As figuras principaes são representadas por Antonio Gouveia, Marina Rodrigues e Beatriz Baptista)

tado para ministro, elle é, por assim dizer, em materia de justiça, — um ingenuo. N'um momento, porém, em que se pretende fazer passar

de tragedia. Vão surgindo esses nomes, o inquerito vae-os pondo em foco, e por fim o *Apostolo*, desilludido, não vendo em volta de si senão



THEATRO NACIONAL — O sol da meia noite — 2.º acto

(Phot. de A. C. Lima)

no senado a lei que regularisa a laicisação do ensino, tentativa que resulta gorada, por alguns dos senadores se terem vendido aos catholicos, o *Tio Consciência* é de novo instado para acceptar a pasta da

consciencias venaes, acaba por descobrir que o seu proprio filho, a quem elle julgára ter transmettido toda a sua pureza de character, se vendera tambem, para angariar dinheiro com que sustentar a amante,

uma actriz conhecida. Então, ao fim de uma tremenda lucta com a familia, com os politicos, em que vacilla por vezes, demitte-se, entregando, n'um gesto de nobreza, o filho á justiça. Conclusão: o apóstolo é um caturra, os parentes d'elle uns sentimentaes, e todos os politicos que o cercam, os servidores e esteios da Republica, uns patifes.

Como peça de combate, segundo lhe chamam, é eloquente, mas pouco tem o regimen que lhe agradecer.

cas de noites o publico vae applaudir no theatro da **Trindade**. E tal é a riqueza do guarda roupa, por tal fórma se impõe o brilhantismo do scenario, com os seus effeitos de luz electrica, como n'essa admiravel scena final do 1.º acto, tão galhardamente se revelam a arte e a sciencia de Taveira, como mestre que é quando quer pôr em scena uma peça *comme il faut*, que todos estes attractivos e condições de exito fizeram até absolver o auctor da operetta americana pelas ingenuidades com que a receiou. Aquelle *terrasse* do hotel Monte-Carlo, aquella disposição da scena, as situações hilariantes que lá se desenvolvem, os espirituosos ditos que a animam, bastam para assegurar o exito de uma peça d'aquelle genero.

Que diremos do desempenho e da musica?

A musica tem trechos originaes, que se ouvem com muito agrado e no desempenho salientam-se Medina de Sousa, que sobretudo na parte cantante, justificou o exito que teve, Correia, o pseudo *principe*, que deu uma feição largamente humoristica ao papel, Gomes, que tirou effeitos comicos do seu comico personagem, Ferrari, o *principe* authentico, que cantou muito bem, e finalmente, Ausenda, Raphaela Fons, no seu gracioso *travesti*, Flora, Angelica, Rosa, Maria Santos, todos merecendo os justos applausos com que o publico coroou os seus trabalhos.

Taveira, que soffrera na vespera um desastre, veio, de cabeça atada, ao palco e viu como é pessoalmente estimado e como o publico, mais uma vez, consagrou o seu valor de *metteur en scène*.

Em *reprise* tivemos no **Apollo** o *Fado*. Da peça já aqui dissemos, quando da sua primeira representação; e quanto ao novo desempenho, é elle muito harmonico, digno de registo, excedendo-se a si proprios os noveis artistas que d'elle se encarregaram. Breve teremos naquelle theatro nova revista original de Eduardo Schevalbach e Accacio de Paiva.

A data que escrevemos apenas quatro operas foram cantadas ainda no **Colyseu**: *Aida*, *Tosca*, *Trovador* e *Bohème*; e pelo seu desempenho, podemos já certificar o valor da Companhia, que é das melhores que áquella casa de espectaculos têm vindo, pois fazem parted'ella elementos de reputação no mundo lyrico, como a sr.ª Angela Angelis e Marrugati, os barytonos Vincenzo Sarlindo e Giuseppe Nistri e tenor Granados, prometendo pois ser uma temporada soberba. Para breve annuncia-se uma estreia de sensação.

Ruy

Animatographos

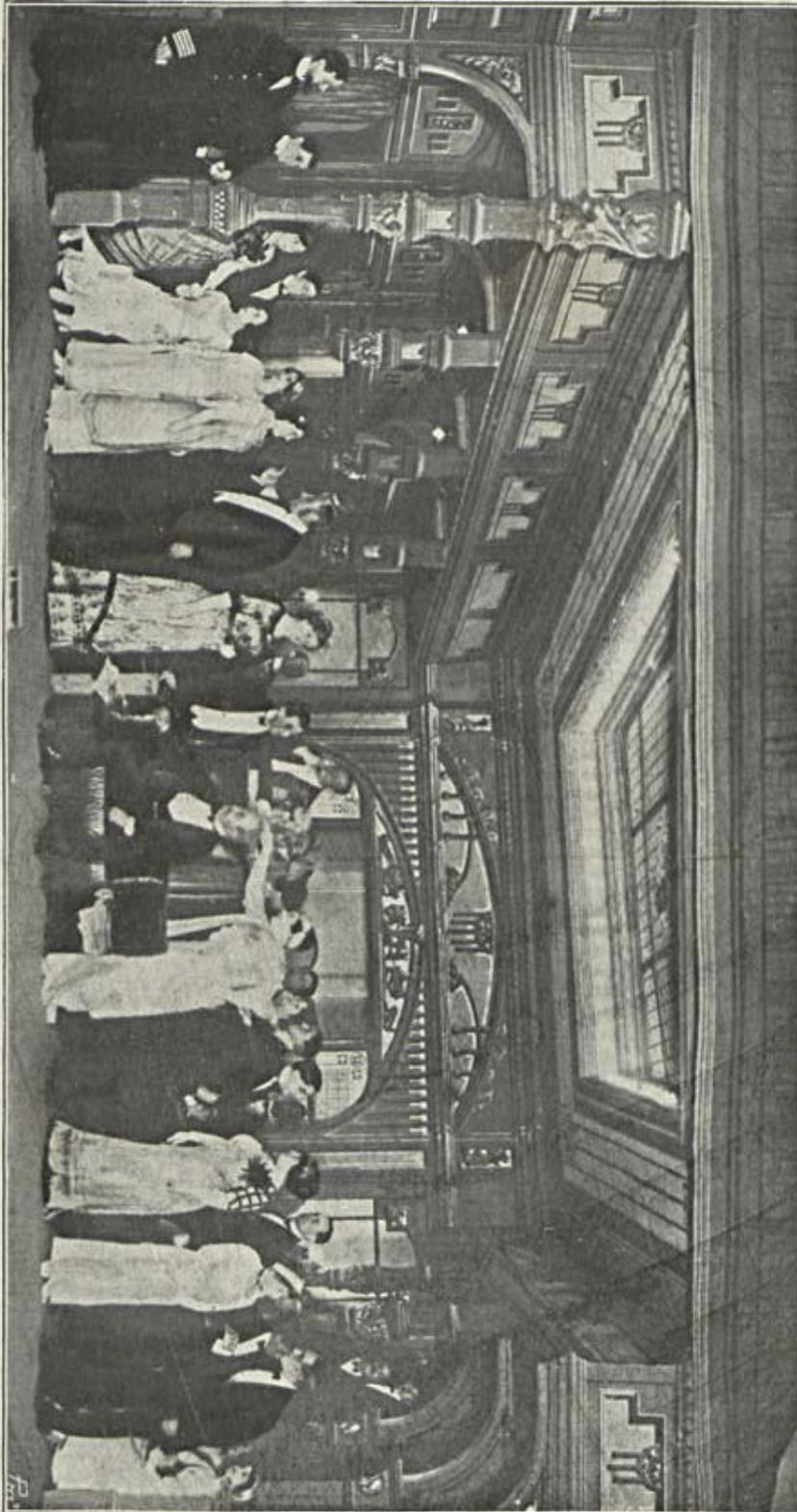
Salão da Trindade, alem das cinco estreias recentes, que estão constituindo um verdadeiro successo, prepara-se para breve a colossal fita de 1:500 metros - *A mentira da vida*. - **Chantecler**, *A derrota de napoleão em Moscow* é a fita de agrado do publico e que tem levado a este salão immensas enchentes. - **Chiado Terrasse**, *A casa dos Leões*, *A expedição do Capitão Scott ao polo sul* e para breve grandes e sensacionaes novidades. - **Salão Foz**, Além de uma interessante collecção de fitas animatographicas, exhibem com grande exito n'este theatro as artistas Nelly Nel e La Torrerrie, respectivamente em bailados e couplets. - **Olympia**. Continua apresentando todos os dias espectaculos variadissimos, mercê da enorme aquisição de novidades cinematographicas ultimamente feita. Resta-nos falar do **Phantastico** e do **Salão Central**, dois dos mais elegantes, dos que teem mais attractivos e maior concorrência entre os melhores salões animatographicos de Lisboa.

Utilidade da andorinha

Conhecem-se, ha muito tempo, os serviços prestados á agricultura pela andorinha, devorando os insectos prejudiciaes. O que menos se sabe é até que ponto ella é insectívora.

Um casal de andorinhas está, todos os dias, durante dezesseis horas, em movimento; cada andorinha, por hora, traz vinte vezes o bico cheio de alimento para os filhos; isto quer dizer que o casal, por dia, vem 640 vezes ao ninho.

THEATRO NACIONAL — O sol da meia noite — 3.º acto



(Phot. de A. C. Linn)

No desempenho do *Apostolo* deu-nos Augusto Rosa um bello trabalho, compondo bem o typo e tendo scenas soberbas, como o final do segundo acto, em que o publico lhe tributou uma significativa ovação. Foram tambem applaudidos Angela Pinto, Jesuina, Chaby, Pinto Costa, Theodoro dos Santos, Raphael Marques, Alves, Antonio Sarmiento e Carlos d'Oliveira, que em pequenos papeis muito contribuíram para o grande exito do *Apostolo*.

— Em palcos portuguezes não apparece ha muito, uma peça montada com o luxo e com o brilho do *Principe Pilsen* que ha umas pou-